

Como a pandemia afeta a liderança americana no mundo

João Paulo Charleaux, 24 de abr de 2020, Nexo Jornal

A condução da pandemia de coronavírus e seus impactos sanitários, econômicos e sociais vêm colocando os Estados Unidos no caminho para que a sua imagem de potência líder do mundo ocidental, criada sobretudo a partir da Segunda Guerra Mundial, em 1945, sofra danos irreparáveis.

Hoje, o país mais rico do mundo tornou-se também o recordista em número de mortos e infectados pelo novo coronavírus. Eram quase 50 mil vítimas fatais em solo americano até sexta-feira (24) – número maior que o de qualquer outro país do mundo.

A maior potência militar da história sofre dificuldade para socorrer seus próprios cidadãos, que morrem em hospitais superlotados, escancarando as enormes disparidades sociais acentuadas por um sistema privado de saúde que exclui 27,5 milhões de pessoas.

Além da crise sanitária, os EUA enfrentam o que se anuncia também como a pior crise econômica desde a quebra da Bolsa de Nova York, em 1929 – episódio que ficou conhecido pelo superlativo de “Grande Depressão”. As previsões do FMI (Fundo Monetário Internacional) para o futuro próximo são “lúgubres”, nas palavras de sua diretora-gerente, Kristalina Georgieva, e devem acertar os americanos em cheio.

Até quinta-feira (23), os pedidos de acesso ao seguro-desemprego nos EUA somavam 26 milhões em cinco semanas, o que corresponde a 16% da força de trabalho no país. O número supera as 21,5 milhões de vagas de emprego criadas por empresas americanas no último período de expansão econômica, iniciado em 2009.

Competição em vez de cooperação

O lema “America first” (A América primeiro, em português), defendido por Trump durante a campanha eleitoral de 2016, ganhou novo sentido com a pandemia, à medida que os EUA passaram a ser acusados pelos parceiros franceses e alemães de desviar carregamentos de máscaras e de respiradores que passavam por seus aeroportos a caminho da Europa.

Os alemães acusaram Washington de praticar “pirataria moderna”. Os franceses falaram em “capitalismo selvagem” na disputa por itens humanitários. Em vez de cooperação, entrou em campo um espírito de acirrada competição.

Acusação semelhante foi feita contra os americanos pelos governadores dos estados brasileiros do Nordeste, que viram os EUA cancelarem um negócio de R\$ 42 milhões com a China, no momento em que os insumos fizeram escala no aeroporto de Miami, no dia 3 de abril. O episódio fez com que, quase um mês depois, o governador do Maranhão, Flávio Dino (PCdoB) passasse um compra de R\$ 6 milhões em respiradores pela Etiópia, no Chifre da África.

A nova roupagem agressiva do “America first” ficou clara em uma fala do próprio presidente Trump, que, em 4 de abril, explicou a situação assim:

“Precisamos das máscaras. Não queremos outros [países] conseguindo máscaras. Você pode até chamar de retaliação porque é isso mesmo. É uma retaliação. Se as empresas não derem o que precisamos para o nosso povo, nós seremos muito duros.”

Quando a ONU (Organização das Nações Unidas) aprovou, na segunda-feira (20), um acordo de cooperação internacional para garantir o acesso universal a vacinas e medicamentos contra o

coronavírus, os EUA, além de 12 dos 193 países-membros das Nações Unidas, deixaram de patrocinar a resolução.

À “retaliação” aos países estrangeiros, somou-se dias depois a retaliação também ao principal órgão coordenador dos esforços internacionais de combate ao coronavírus no mundo, a OMS (Organização Mundial da Saúde).

Trump ordenou no dia 14 de abril a suspensão das contribuições (americanas para a agência da ONU, sediada em Genebra, na Suíça. Os EUA eram, até então, os maiores doadores do órgão, respondendo, em 2019, por 15% de seu orçamento total, ou US\$ 400 milhões.

O gesto – feito a pretexto de punir a OMS pelo que teria sido um comportamento leniente com os rivais chineses durante a pandemia – vai contra o espírito de fortalecimento dos órgãos multilaterais fundados em grande medida pela liderança que os próprios americanos exerceram no mundo após a Segunda Guerra Mundial

A OMS é um dos braços da ONU (Organização das Nações Unidas). Sua fundação corresponde ao espírito que prevaleceu, com altos e baixos, ao longo dos últimos 70 anos, segundo o qual o mundo necessitava de órgãos multilaterais robustos para erigir uma arquitetura global de cooperação em assuntos transnacionais.

Com os EUA recuando nesta seara, a China deu um passo adiante. Dez dias depois de os americanos retirarem suas contribuições à OMS, os chineses anunciaram um aporte de US\$ 30 milhões adicionais à instituição. A quantia, isolada, é muito inferior à que os EUA aportavam, mas, junto com o gesto, veio também um recado que reforça a percepção de que os chineses sabem que o que está em jogo é mais que o dinheiro.

"Apoiar a OMS em um momento crítico na luta global contra a pandemia é defender os ideais e princípios do multilateralismo e defender o status e a autoridade das Nações Unidas" (Geng Shuang porta-voz da diplomacia chinesa, em declaração à imprensa, no dia 23 de abril)

O cenário de fragilidade internacional da liderança americana é acentuado pela degeneração do quadro político interno. Mesmo durante a crise, Trump não desistiu da postura permanentemente belicosa que caracterizou todo o seu mandato.

Ele, que é candidato a um novo mandato na eleição presidencial de novembro de 2020, enviou sinais trocados em relação à gravidade da pandemia, quando ela estava no início. Depois, contrariou a opinião de especialistas, ao colocar em dúvida a necessidade da quarentena no país. Por fim, brigou com os governadores dos estados sobre o melhor momento para a reabertura, e até ameaçou colocar Congresso americano em recesso para poder governar sem interferência da oposição durante a crise.

Seus pronunciamentos diários sobre o coronavírus passaram a ser marcados por situações insólitas. Na quinta-feira (23), ele chegou a discursar sobre uso interno de desinfetantes no corpo para matar o vírus, e sugeriu que a luz solar poderia oferecer tratamento eficaz – ambas informações imediatamente desmentidas por especialistas, que mostraram preocupação com o efeito nefasto que as falas, veiculadas pelo próprio presidente do país, podem ter na população.

Historiadores e cientistas políticos conhecidos pela percepção positiva a respeito do papel desempenhado pelos EUA e pelas potências europeias neste século, como o britânico Timothy Garton Ash, professor de história em Oxford, não escondem a perplexidade: “Sinto uma tristeza

desesperadora”, disse ao The New York Times, num texto que antevê o fim do “excepcionalismo” americano diante da crise atual.

O termo pode ser aplicado tanto à ideia americana de que o país tem um destino manifesto excepcional, como uma espécie de grandioso destino garantido, quanto à ideia de que os americanos têm um papel particular a desempenhar no mundo, como uma espécie de polícia global.

O aparente declínio americano não significa que o país esteja sozinho em seus desafios na condução da pandemia. Em todo o mundo, a crise sanitária expôs fragilidades. Na China, informações sobre a doença foram censuradas, e há questionamentos na Europa sobre medidas como o uso de dados de celular ou mesmo a imposição de quarentena em países como Espanha, Itália e França.

No caso americano, no entanto, destaca-se o papel diversionista desempenhado por Trump. Enquanto os presidentes europeus pregam espírito de unidade – não apenas dentro de seus países, mas no interior da própria União Europeia, mesmo que de forma ainda errática –, Trump acirra as diferenças com governadores, imprensa e adversários democratas, tornando mais difícil o espírito de união necessário ao período de reconstrução.

Dominique Moïsi, cientista político ligado ao Instituto Montaigne, em Paris, resumiu assim a questão em entrevista ao New York Times: “Os EUA prepararam-se para o tipo errado de guerra. O país estava esperando um novo 11 de Setembro, mas veio um vírus. Isso nos leva à seguinte questão: teriam os EUA se tornado o tipo errado de potência, com o tipo errado de prioridade?”

.....

João Paulo Charleaux é repórter especial do Nexo e escreve de Paris.

Reportagem disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2020/04/24/Como-a-pandemia-afeta-a-lideran%C3%A7a-americana-no-mundo>